

A AULA COMO ATO ESTÉTICO, ÉTICO E POLÍTICO: EXPLORANDO POSSIBILIDADES A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL DE CERTEAU

**The class as an aesthetic, ethical
and political act: exploring possibilities through
the contributions of Michel de Certeau**

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza¹

Maria Terezinha Bretas Vilarino²

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora na Universidade Vale do Rio Doce (Univale), Bolsista Produtividade Fapemig/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6955-5854>, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2703384157059932>

2 Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora na Universidade Vale do Rio Doce (Univale). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2093-5159>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3726945999922150>

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre as contribuições de Michel de Certeau para a constituição da aula como ato ético, estético e político, e para tal, adota como referências teóricas escritos produzidos pelo autor e por seu grupo de pesquisa, em diálogo com outros pensadores do campo da educação, da história e outras áreas de conhecimento. A metodologia utilizada é uma análise qualitativa de uma experiência de ensino em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, interdisciplinar, da qual participaram 21 estudantes com formação em diferentes áreas do conhecimento (Arquitetura, Administração, Ciência da Computação, Direito, Enfermagem, História, Medicina, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social). Subsidiaram a análise os textos elaborados individualmente e em grupo por esses/as estudantes, que realizaram caminhadas pela cidade adotando a metodologia andante e/ou fizeram observações de práticas cotidianas, inspiradas nas contribuições de Certeau e colaboradores. Explora-se, na análise, dois eixos de discussão: as memórias e os diálogos entre escola e território. Os resultados apontam potencialidades da aula a partir das memórias como referências identitárias e territoriais e da aula como abertura para outros territórios. A aula torna-se, nesse sentido, instigadora de leituras e análises sobre a cidade em diferentes perspectivas: ambientais, arquitetônicas, culturais, éticas, estéticas e políticas.

Palavras-chave: Aula, Práticas cotidianas, Memória, Metodologia Andante, Território, Interdisciplinaridade.

Abstract

This paper aims to reflect about the contributions of Michel de Certeau to the constitution of the class as a aesthetic, ethical and political act, and for this, uses as theoretical references writings by the author and their research group in dialogue with others thinkers in the field of education, history and others areas of knowledge. The utilized methodology is a qualitative analysis of a teaching experience in a interdisciplinary *stricto sensu* post-graduation course, for which 21 students from different degrees were involved (Architecture, Administration, Computer Science, Law, Nursing, History, Medicine, Pedagogy, Psychology and Social Services). The analysis is based on the texts produced individually and in groups by those students, that carried walks through the city taking part in the walking methodology and/or observed the daily practices, inspired in the contributions of Certeau and collaborators. The analysis explores two points of discussion: the memories and dialogues between school and territory. The results reveal the potential of the class using the memories as references to identity and territory and the class as an opening to more territories. The class becomes, in this sense, an instigator of reading

and analysis of the city in different perspectives: environmental, architectural, cultural, ethical, aesthetic and political.

Keywords: Class, Daily practices, Memory, Walking methodology, Territory, Interdisciplinarity.

Introdução

Michel de Certeau, no livro “A cultura no plural” (Certeau 2012), provoca uma reflexão sobre as relações entre cultura e escola, problematizando de modo geral um ensino que privilegia o conteúdo do ensino, construído em termos ortodoxos e fechado às diferenças e práticas culturais, como o ensino de francês que ignora os falantes da língua; o ensino de matemática que privilegia os cálculos e a forma, em detrimento do modo como se experiencia o espaço. A partir dessas problematizações, poderíamos acrescentar outras refletindo sobre a escola brasileira atual, como a prevalência de uma escola – da Educação Básica ao Ensino Superior – focada no produtivismo, marcadas por avaliações externas, preparações para vestibulares e mercado de trabalho, e que engendram lógicas de desempenho e concorrência; a valorização de metodologias ativas que transformam a sala de aula em um ativismo perigoso de docentes e discentes, negando os pressupostos do diálogo ético, político, estético e socioantropológico do aprender. (Freire 2007, 2021; Charlot 2020).

Acompanhando Michel de Certeau nas reflexões sobre cultura e escola, apontam-se questões de fundo “entre o conteúdo do ensino e a relação pedagógica” (Certeau 2012, 128) tomados de modo dicotomizado; entre a prevalência da escola como monopólio cultural e a consequente expulsão da escola de outras práticas culturais produzidas nos cotidianos pelas pessoas comuns, praticantes da cidade (Certeau 2014; Certeau, Giard, e Mayol 2014) e praticantes nos espaços-tempos das escolas e salas de aula.

Tomando como referência essas problematizações, este artigo tem como objetivo refletir sobre as contribuições de Michel de Certeau para a constituição da aula como ato ético, estético e político, a partir de uma experiência de ensino em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, interdisciplinar, da qual participaram duas docentes com formação em Ciências Sociais e Pedagogia e 21 estudantes com formação em diferentes áreas do conhecimento (Arquitetura, Administração, Ciência da Computação, Direito, Enfermagem, História, Medicina, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social) na disciplina Leitura Orientada em Michel de Certeau, com uma carga horária de 30 Horas-aula.

Nessa experiência, o grupo (docentes e discentes) fez a leitura dos livros: “A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer” (Certeau 2014); “A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar (Certeau, Giard, e Mayol 2014) e do artigo “Andando na cidade” (Certeau 1994). A leitura entendida como experiência dialógica na qual se tramam leituras de mundo, leitura do texto e dos contextos (Freire 2021), foi o fio condutor dos debates em sala de aula. Além da leitura dos textos e dos debates em aula, com a produção de sínteses, foram propostas duas atividades realizadas em momentos distintos: a) Escolha e relato oral, em sala de aula, de uma prática do livro “A invenção do cotidiano: 2 Morar, Cozinhar; b) Observação de uma prática tomando como referência o relato oral e produção de um relato escrito com reflexões teóricas. Essa prática observada no contexto extraescolar pôde ser feita individualmente e alguns estudantes optaram por realizá-la em grupo.

Esses dois livros apresentam resultados das pesquisas empreendidas por Michel de Certeau e seu grupo com vistas a propor outra interpretação de “cultura e produtos culturais”, buscando práticas culturais cotidianas. São para essas práticas que também nos voltamos, e é delas e da reflexão sobre elas que construímos nosso argumento das possibilidades da aula como ato estético, ético e político.

Tramando reflexões teóricas à experiência analisada

Ao afirmar que “parte considerável da cultura é expulsa do ensino” (Certeau 2012, 140), o autor explica que:

[...] se é verdade que qualquer atividade humana *possa* ser cultura, ela não o é necessariamente ou não é ainda forçosamente reconhecida como tal. Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza (Certeau 2012, 140, grifo do original).

Processos de significação das práticas estão profundamente enraizados em quem somos, em como nos constituímos pessoas, em nossos pertencimentos de gênero, classe, raça e/ou etnia, etários, territoriais, dentre outros marcadores sociais. Esses marcadores sociais foram considerados durante a experiência analisada, posto que eles também interessam aos discentes e docentes envolvidos na disciplina ministrada, pela sua natureza interdisciplinar e pela perspectiva mais integradora da abordagem territorial, da área de concentração do programa referente.

As leituras orientadas de um autor buscam atender a essas duas perspectivas (a interdisciplinaridade e a abordagem mais integradora do território) e por isso, a opção da oferta dessa disciplina, pelo já exposto sobre o autor e porque seus estudos e do seu grupo de colaboradores assumem as práticas socioespaciais como práticas do lugar, e nos provocam a contemplá-las em escalas menores – o bairro e o modo como seus praticantes moram, cozinham e dele se apropriam. (Certeau 2014; Certeau, Giard e Mayol 2014).

A cidade emerge dessas escalas como “*um lugar praticado*” (Certeau 2014, 184 itálico do original), tecida em práticas cotidianas e como argumenta o autor “nas artes do fazer”, nas invenções e “táticas” de sobrevivência empreendidas pelas pessoas “comuns”, usuários que ao mesmo tempo a transformam. Como Certeau e sua equipe de colaboradores nos mostram, é possível apreender essas práticas por meio de memórias, de relatos e dos passos dos transeuntes pelas ruas. (Certeau 2014; Certeau, Giard e Mayol 2014).

Cabe esclarecer os conceitos de táticas e estratégias utilizados pelo autor. Nas distinções entre esses dois conceitos, ele argumenta que a estratégia é “o cálculo

(ou a manipulação) das relações de forças” (Certeau 2014, 93), gesto cartesiano que se propõe a gerir relações entre pessoas, como as estratégias de empresas, cidades, instituições diversas, escolas etc. Diferentemente da estratégia, que é uma ação calculada, a tática é um cálculo construído em um movimento de expertise, no qual o sujeito se vale das ocasiões – “a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho” (Certeau 2014, 46, aspas do autor) para instaurar práticas cotidianas, buscando brechas nas regulações estratégicas.

Para capturarmos essa dinâmica de entrecruzamentos entre estratégias e táticas, espaços e lugares nos ancoramos nos relatos e narrativas espaçotemporais, pois efetuam “um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros”. (Certeau 2014, 185).

Por sua vez, todo “relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (Certeau 2014, 183), e é pelas narrativas dos usuários que se produzem “geografias de ações” (Certeau 2014, 183). Certeau diz que “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias que ‘fala’” (Certeau 2014, 166, aspas do autor). Caminhar, então, é um ato de enunciação que, ao ser declarado nos passos, nas conversas, nas observações, nos relatos, produz o território sobre o qual se anda. Caminhar, observar e narrar práticas do lugar, na proposição feita por Michel de Certeau e colaboradores, pode ser um processo de observação caminhante. Lopes (2000), referenciando-se nessa proposição de Michel de Certeau, propõe para as pesquisas a “metodologia andante”. Segundo o autor, o ato de andar pela cidade pode convocar o pensamento reflexivo capaz de captar o visível (materialidade do território urbano) e “o invisível (memórias, sentimentos, sentidos)” (Lopes 2000, 5).

No texto *Andando na cidade*, publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1994), Certeau distingue duas maneiras de observar Manhattan: do alto do 110º andar do World Trade Center e do burburinho do chão das ruas e seus labirintos. Essas duas formas de olhar se antagonizam ou pelo menos formatam um olhar e uma determinada percepção sobre a cidade. Ao olhar a cidade de cima, perde-se as astúcias das táticas dos transeuntes – como voyeur “surrupiado do aperto da cidade” (Certeau 1994, 21). O olhar totalizante, do olho que tudo vê, “torna a complexidade da cidade legível”, porque pasteurizada, e “imobiliza sua mobilidade opaca num texto transparente” (Certeau 1994, 22). Olhar, nesse caso, não resulta em reparo, como sugere Saramago na epígrafe de Ensaio sobre a cegueira (1995): “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. E se não há reparo também não se constrói memória. Sendo a memória múltipla e seletiva, aberta ao paradoxo da lembrança e do esquecimento (Halbwachs 2013), teríamos, numa perspectiva totalizante do olhar, a cristalização de um “quadro cuja condição de possibilidade é um esquecimento e um equívoco de práticas”. (Certeau 1994, 22).

O caminhante, por outro lado, vê e repara, inaugurando uma outra retórica sobre as ruas e os cantos, pois seu caminhar precisa ser tático, atento aos ruídos, sobressaltos, cheiros e sinais.

O espaço material do território urbano captado pelo reparo do caminhante serve de suporte à memória, como um referencial identitário. Ao mesmo tempo, o sentido de pertencimento, que identifica os indivíduos ou grupos que compartilham acontecimentos e situações que se configuram como práticas, liga-se ao simbólico e às memórias coletivas, pois a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (Nora, 1993, 9). Para Certeau (2014, 149), “a memória mediatiza transformações espaciais”, no “momento oportuno” (kairós), produzindo uma “ruptura instauradora” “como meio de transformar os lugares (Certeau 2014, 150) vividos em representados. Nas palavras do autor, “ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças. Cada uma delas, quando se destaca tecida de sombra, é relativa a um conjunto que lhe falta” (Certeau 2014, 152).

Isso posto, podemos identificar a presença de Michel de Certeau no campo da educação, provocando pesquisadoras e pesquisadores cujo objeto são os cotidianos escolares: “pesquisas nos/dos/com cotidianos” (Ferraço, Silva Soares e Alves 2017), nas quais se opera com a epistemologia proposta pelo autor, explorando sua fertilidade conceitual e desafiando pesquisadores/as há mais de 30 anos a:

criar movimentos de pesquisas que permitissem entender as lógicas das *praticasteorias* que circulavam, das invenções cotidianas nos currículos *praticadospensados*, bem como as múltiplas relações que seus *praticantespensantes* estabeleciam nos tantos *dentrofora* das escolas. (Ferraço, Silva Soares e Alves 2017, 15, grifos do original).

O movimento que criamos foi o da sala de aula que por ser da pós-graduação *stricto sensu* tem como intencionalidade a formação de pesquisadores/as e, para esse curso, a formação interdisciplinar que se apresenta na compreensão da complexidade dos objetos de estudo (Capes 2019) ecoa no currículo do curso e em seus cotidianos. Por isso a nossa aposta de que as práticas lidas, observadas e narradas por estudantes, individualmente ou em grupo, pudessem contribuir para a compreensão sobre processos investigativos e sobre a pesquisa como ato ético e político.

Portanto, a escolha livre dos capítulos a serem lidos foi feita a partir do lugar de cada um dos/as estudantes pesquisadores/as e dos sentidos que atribuíram às práticas que buscaram ler no volume 2 do livro “A invenção do cotidiano” (Certeau, Giard e Mayol 2014, 115- 256). Para a leitura e debate em sala foram escolhidas: “os estabelecimentos comerciais da rua”

(2 estudantes); “o fim de semana” (4 estudantes) “práticas de cozinhar” (9 estudantes) “as práticas do final de semana” (3 estudantes) “Então, paras as compras há o Robert, não é? (1 estudante) “os fantasmas da cidade” (2 estudantes).

A tabela a seguir apresenta a formação dos/as estudantes e as práticas observadas e narradas.

TABELA 1. ESTUDANTES, FORMAÇÃO E PRÁTICAS OBSERVADAS/NARRADAS

Estudantes	Formação	Práticas observadas e narradas
1	Administração	Fim de semana
2, 3, 4	Direito, História, Medicina	SEXTOU!
5	Pedagogia	No meio do caminho havia um rio e uma linha férrea
6	Serviço Social	Andando pelo “Buraco Fundo”
7	Ciência da Computação	“O churrasco”
8	Direito	Cozinhar – Preparação do almoço de Domingo
9	Direito	Cozinhar – Prática da família/ Mineira
10	Matemática	Cozinhar – Prática da família Capi-xaba
11, 12, 13	Enfermagem, Pedagogia e Psicologia	Cozinhar – a Canjiquinha
14, 15	Serviço Social	Preparação do almoço no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Aimorés/MG
16	Medicina	O fim de semana no bairro da cidade de Caratinga/MG
17	História	Flaneur pelo centro da cidade – caminhante urbano
18	Direito	Os estabelecimentos comerciais da rua — cidade de Ipatinga/ MG
19	Ciência da Computação	Os fantasmas da universidade
20	Arquitetura	Observação de cotidianos em uma rua da cidade de Inhapim/MG.
21	Ciência da Computação	A Feira.

FONTE: RELATOS DOS/AS ESTUDANTES (2024). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Para a análise e discussão visando fortalecer o argumento sobre as contribuições do autor para práticas cotidianas de sala de aula – “a aula” – dividimos os relatos escritos dos/das estudantes em dois grupos: 1) Práticas de cozinhar e Flaneur pelo centro da cidade; trabalhos por meio das quais exploraremos a memória como componente da aula e como possibilidade de resgates éticos e estéticos; 2) Práticas na cidade (o fim de semana; a feira; o rio; as andanças no Buraco Fundo); a partir desses relatos discutiremos as relações entre a aula e os territórios.

A aula e as memórias

No livro “A invenção do cotidiano 1. Artes de Fazer”, Michel de Certeau retoma as discussões sobre as caminhadas pela cidade, que também comparecem no texto “Andando na cidade” (Certeau, 1994) e problematiza a cidade-conceito como abstração produzida pelo discurso urbanístico, racional e habitada por sujeitos universais, convocando-nos, em seus escritos, a “desconfiar de nossas análises” (Certeau 2014, 162) que, por vezes, tendem a tomar a cidade nessa perspectiva. O autor nos convoca a um retorno às práticas dos usuários – inventoras e produtoras de espaços-tempos – práticas de caminhar e de habitabilidade. O convite é a atenção aos relatos, narrativas produzidas por caminhantes e praticantes da cidade e que comportam memórias.

As memórias constituem os relatos das práticas de cozinhar de nove estudantes com distintas formações (Ciência da Computação, Direito, Enfermagem, Matemática, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social), e um estudante com formação em História, se tornou um Flaneur – caminhante errante e observador atento em ruas centrais da cidade. Temos, assim, dez relatos a partir dos quais refletimos sobre a aula e as memórias:

[...] a dispersão dos relatos indica já a do memorável. De fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Os objetos também, e as palavras, são ociosos. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se, onde dormitam revoluções antigas. A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras. “Aqui, era uma padaria”; “ali morava a Mere Dupuis” (Certeau 2014, 175, aspas do original).

No livro “A invenção do cotidiano 2 – Morar e Cozinhar”, Luce Giard toma como objeto de análise o Cozinhar – “Artes do Nutrir” – “práticas culinárias [que] se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e desprezado” (Giard, 2014, p. 218). O movimento da autora, relatado nesse capítulo para apreender práticas do cozinhar – de retomar suas memórias da

infância e observar práticas de famílias ao cozinhar – foi também o escolhido pelos/as estudantes – seis mulheres e três homens.

O estudante com formação em Ciência da Computação toma como mote da observação “o churrasco”, destacando os diferentes significados que a palavra comporta – feitura do churrasco por chefs e restaurantes renomados, por grupos corporativos, reuniões familiares – cuja escolha das carnes, temperos, grelhas, bebidas, serviços etc. recaem sobre as condições financeiras de quem o promove, sendo a classe social um fator determinante. A partir desse destaque ele retoma a sua infância, como apresentado no excerto discursivo a seguir:

[...] trago nas memórias as táticas que uma mãe viúva utilizava quando fazia um churrasco sempre que comemorava um evento em “família”. A mãe se preocupava em comprar o corte que se encaixava no orçamento, e muito pouco se preocupava com nome do corte, ela pedia “qual carne para churrasco está na promoção hoje? E também me vê 1kg de lingüiça para churrasco”, o carvão era comprado junto da carne direto no açougue, e na despedida, vinha a frase “anota aí, que no mês que vem eu acerto”, seguido da resposta do atendente “claro, pode ficar tranquila”. Para facilitar, já pedia as carnes temperadas e fatiadas no próprio açougue, cheias de amaciantes de carne e cortes irregulares. Para acompanhamento preparava um arroz branco, maionese e refrigerantes. Ela mesma ascendia a churrasqueira, levava um ventilador sobre a mesma para que o pedaço de papel higiênico enrolado no meio do carvão banhado a óleo vegetal pudesse “acender a churrasqueira” mais rápida, formando brasas e labaredas. O Ponto da carne era uma discussão ferrenha, não tinha ponto da carne. A mãe fatiava a carne bem fina quase desfiando para facilitar a mastigação, já que o corte era fino, e a carne pouco macia. A mãe se desdobrava para fazer com que toda a dinâmica do evento funcionasse, tendo apenas ela como cozinheira e anfitriã ao mesmo tempo. E ao final, os convidados, amigos íntimos e familiares, elogiavam a comida, alguns se voluntariavam para ajudar com a limpeza, outros, já se despediam, e assim terminava o evento churrasco familiar.

Também revisitam as infâncias todas as estudantes mulheres, e quatro optam como práticas o observar e o conversar com a mãe enquanto ela cozinha. Mostram nos relatos que o cozinhar é passado de geração a geração – de avós para mães e de mães para filhas.

[A mãe] relatou que aos domingos a casa da roça enche de gente, os netos, bisneto, noras, genros, filhos, e a sua mãe [avó e bisavó], cozinha até a presente data, com 80 anos de idade, com muito prazer, dando risadas e contando histórias da sua juventude para toda família. Então

quando era pequena a mãe [filha] ficava na beira do fogão, a gás ou à lenha, vendo a mãe preparar o alimento, e ao mesmo tempo explicando para ela como se preparava cada etapa. [...] O gosto pela culinária também foi passado para a filha [estudante que elaborou o relato] que, também, se aventura na cozinha (Excerto discursivo da estudante, com formação em Direito).

A prática de cozinhar atravessa gerações de mulheres e carrega afetos, tradições, cheiros, gostos, escolhas de produtos, regionalismos – explora-se nos relatos a feitura, pelas mães, de pratos típicos de regiões do Espírito Santo e de Minas Gerais e nos quais as estudantes, como filhas, também se aventuram. De modo geral, os relatos remetem a essas mulheres, a trocas afetivas, a momentos felizes de encontros entre famílias e parece “natural” que a tradição seja passada entre mulheres. Interessante observar nos relatos a preponderância feminina e como as mulheres se colocam em relação com as artes de nutrir: “apesar de cozinhar ser um serviço do lar, é algo que a entrevistada gosta de fazer, e faz com prazer, pois não é estressante” (Excerto discursivo da estudante com formação em Direito).

É também a presença feminina que predomina no relato dos dois estudantes com formação em Serviço Social sobre a preparação de um almoço por mulheres trabalhadoras que exercem a função de cozinheiras em escolas e se empenham na preparação de um almoço para participantes de um curso, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Assim, nos relatos dos três estudantes homens que tomam como objeto de observação as práticas do cozinhar, as protagonistas são mulheres.

Giard (2014, 2012), ao relatar as práticas de cozinha, retoma suas memórias como filha aprendiz que se recusava a ficar ao lado da mãe para aprender a cozinhar: “Eu detestava esse trabalho de mulher, porque jamais era pedido ao meu irmão. Minha escolha já estava feita e meu futuro determinado: um dia eu teria uma ‘profissão de verdade’, estudaria matemática ou me tornaria escritora”. Um relato semelhante feito por uma das docentes durante as aulas aponta as estratégias e as táticas nas práticas de cozinhar: sua mãe a convocava para aprender a ‘arte necessária ao mundo feminino’, enquanto ela se recusava, ‘escondida’ num outro aposento, enfurnada na literatura: “meu mundo, de alguma forma, estaria nos livros”.

A autora expõe uma problematização que emerge desses relatos – as desigualdades de gênero estabelecendo lugares a serem ocupados predominantemente por mulheres, como as práticas da cozinha; práticas que se convertem convenientemente em cuidados e afetos, tornando a casa e as práticas relacionadas a ela territórios a serem ocupados pelas mulheres, em relações desiguais de poder (Souza e Fonseca 2024).

Tal desequilíbrio de poder acaba incidindo sobre outros territórios ocupados pelas mulheres – ora fortalecendo a ocupação natural desses territórios, a exemplo dos campos profissionais que se relacionam aos cuidados e educação; ora deles as afastando como nas atividades profissionais de gestão, na política, no mercado financeiro, dentre outros, como indicam estudos que têm como objeto as relações de gênero (Oliveira e Almeida 2022; Souza e Fonseca 2024).

A despeito dessas problematizações, há outros aspectos a considerar que justificam a escolha das práticas de cozinhar como parte dos estudos de Certeau e colaboradores. Esses aspectos também são apreendidos nos relatos. Essas práticas carregam astúcias cotidianas que engendram além das relações de gênero, outras como as de classe, territoriais, étnicas e raciais, que podem ser explicitadas, se considerarmos as práticas como culturais, como formas de resistência, criação cultural e subversões postas, por exemplo, pela indústria de consumo, como indica o excerto discursivo de outra estudante com formação em Direito: “Minha mãe, ao cozinhar, exerce uma forma de resistência cultural, preservando tradições e criando uma narrativa própria dentro do espaço da cozinha”.

Essa perspectiva foi apreendida no relato da prática da Canjiquinha, protagonizada coletivamente pelas estudantes com formação em Enfermagem, Pedagogia e Psicologia.

As práticas diárias de cozinhar são formas de resistência silenciosa contra a homogeneização cultural imposta pela sociedade de consumo. Ao enfatizar a criatividade nas pequenas ações cotidianas, Certeau destaca a capacidade dos indivíduos de subverter e transformar as imposições externas em expressões pessoais.

Essas práticas carregam memórias que atravessam gerações, símbolos, modos de fazer, que constituem os territórios da cozinha em suas feitura e nas narrativas que sobre elas se produzem (Certeau, Giard e Mayol 2014), permitindo conhecer nuances de famílias, grupos, populações, bairros, cidades:

[...] criatividade com os movimentos e gestos para a culinária transformam as pessoas em diferentes contextos, como: a inventividade das receitas, o uso dos instrumentos de medidas e dos utensílios domésticos, o consumo imediato dos alimentos após o preparo dos alimentos e bebidas, o método de desenvolver a arte culinária, as crenças, os rituais, a memória que adensam durante o cozimento e mistura e/ou montagem (Excerto discursivo, estudante com formação em Matemática).

Cozinhar é, pois, prática cultural rica com suas improvisações, adaptações, experimentações, reinvenções, contingências e contenções, encontro de

tradições e inovações, engendrando formas de viver e resistir, pessoais e coletivas. Giard (2014, 219) destaca que cozinhar exige “memória múltipla: memória de aprendizagem, memória dos gestos vistos, das consistências” dos alimentos e “uma inteligência programadora: é preciso calcular com perícia o tempo de preparação e de cozimento, intercalar as sequências umas às outras, compor a sucessão dos pratos para atingir o grau de calor desejado”. (Giard, 2014, 219).

Além desses aspectos, ela chama a atenção para a capacidade inventiva, engenhosidade em aproveitar alimentos e recriá-los por meio de artifícios, fazer mudanças de ingredientes, utensílios, improvisar, dividir, realizar combinações.

Para ela, portanto, “entrar na cozinha, manejar coisas comuns e pôr a inteligência a funcionar, uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela, sem se dar a ver.” (Giard 2014, 220).

Esse modo de compreender as práticas do cozinhar desloca nossos olhares para lógicas mercantilistas e arquitetônicas que parametrizam a cidade e que tensionam o que se coloca como patrimônio a ser preservado. O estudante e historiador flana pela cidade e a partir do seu olhar questiona a cidade que não mais se preserva: “percebe-se o patrimônio das diversas formas: desfigurações, substituições ou restos, e quando existem, invisibilizados ou mudos” (Extraído do relato do estudante).

Como morador da cidade e como observador atento, ele problematiza o olhar totalizante dos planejadores que não consideram o vivido nas/das ruas, bairros, cidades (Certeau, 1994). E reclama da cidade que “não aprendeu a envelhecer exibindo todos os seus passados” (Certeau 1994, 21). O estudante que se apresenta como um “flaneur e caminhante urbano”, dialogando com Michel de Certeau se pergunta: “onde estão as “resistências de um passado teimoso”? (Certeau, Mayol e Giard 2014, 189). O historiador estudante e poeta se inquieta com o patrimônio cultural arquitetônico da cidade que vai sendo destruído:

Tem-se um centro planejado, com bons recortes geométricos, porém esse urbanismo não foi conjugado ao longo do tempo com a preservação da memória arquitetônica da cidade, sendo extirpada (e cada vez mais) da atualidade devido às demolições (exemplo mais recente, a casa onde funcionava o Restaurante Oiti), encobrimentos e desfigurações (Palacete Maraslis com seus ornamentos jônicos), especulação imobiliária.

O relato e a queixa põem em evidência o esquecimento e uma inquietante ‘desfamiliaridade’ com a história e o espaço da cidade. Ao que Certeau adverte: “O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como

presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: “aqui vocês veem”, “aqui havia...”, mas isto não se vê mais [...] (Certeau 2014, 175).

Mais uma vez, pensando na potencialidade (re)criadora de lugares e tempos pelos relatos que “diversificam” (Certeau 2014, 175) memórias, intuímos a aula e suas narrativas dialógicas também como resistências ao apagamento de memórias.

A aula e os diálogos entre escola e territórios

A discussão sobre as aproximações entre a escola e os contextos de vida de estudantes, portanto, dos cotidianos que constituem as práticas de ensinar e aprender em sala de aula, não são uma novidade no campo da educação, embora tenham que ser sempre lembradas e estimuladas em cursos de formação de gestores e docentes, nas discussões sobre políticas públicas, em projetos de extensão e pesquisa, dentre outros, pela tendência das escolas de se fecharem em seus muros.

Essa foi a tônica dos debates no Brasil, provocados pelo Programa Mais Educação (PME) do Ministério da Educação (MEC) (Brasil, 2007), iniciativa que visava fomentar políticas de ampliação da jornada escolar, cujos desafios continuam prementes na educação brasileira (Conae, 2024). Quando se discute a relação entre escola e território comparecem discussões sobre direito à cidade, cidade educadora, bairro e escola, aprender na cidade, escola e cidade etc. na reafirmação das relações entre educação, enquanto processo permanente e a vida das cidades, enquanto contextos que não apenas acolhem a prática educativa, como prática social, mas também se constituem, através de suas múltiplas atividades em contextos educativos em si mesmos (Freire 2007, 19).

Nesse sentido, a “aula” pode se tornar um ambiente de reflexões sobre a cidade praticada, no sentido proposto por Certeau e colaboradores, em diferentes componentes curriculares, em função da multiplicidade de leituras da cidade que se apresentam – ambientais, artísticas, arquitetônicas, culturais, históricas, geográficas, linguísticas, matemáticas, no âmbito da saúde, do acesso a tecnologias, dentre outras possibilidades.

Essas leituras atentas das práticas cotidianas que se forjam nas “artes de fazer” de crianças, adolescentes, jovens e adultos, contribuem para aprender os vividos nos territórios, com atenção para as dimensões éticas, estéticas e políticas, pois são “leitura de mundo” (Freire 2021); e por se construir na horizontalidade dos atos de ensinar e aprender e se constituir pela via da análise e da crítica das realidades, é eminentemente “política”.

Nas leituras da cidade, com atenção para as práticas cotidianas do nosso grupo de caminhantes, “o fim de semana” se constituiu como objeto de atenção.

Em um dos relatos produzidos, a estudante se volta para o seu fim de semana, como trabalhadora e estudante de pós-graduação, com pouco tempo para o lazer e, embora o texto não tenha se apresentado muito reflexivo, é provocador para pensarmos nos usuários da cidade, trabalhadoras e trabalhadores, que se veem cada vez mais consumidos pelo trabalho pelas lógicas neoliberais e de produtivismo que regulam práticas na cidade. Esse relato evidencia, ainda, os dilemas presentes entre ser estudante da pós-graduação e trabalhadora.

Essa questão também comparece no grupo de estudantes (Direito, História e Medicina) que intitula a narrativa de “Sextou” e a explica:

SEXTOU! É o anúncio que costumeiramente aparece em todo grupo de trabalho da rede social do WhatsApp, mesmo que se tenha a certeza que o fim de semana não será tão agradável, seja como for, sempre haverá uma figurinha anunciando a relação entre prazer e fim de semana.

O grupo reflete, na sua narrativa, que as “práticas de final de semana” observadas por Certeau e colaboradores eram de descanso e lazer, e atualmente elas têm se conformado, pela preponderância do trabalho em nossas vidas “remodeladas pelo aumento dos trabalhos nos fins de semana” (Estudantes Direito, História e Medicina). Agregadas à sua condição de trabalhadora/es comparece a de estudante de pós-graduação, e o grupo conclui o relato de modo instigante:

Estas são perspectivas dos alunos sobre o fim de semana através da metodologia do andante, contudo, para os mestrandos, há de se ressaltar, que o fim de semana também é momento de estudo intenso, de leitura e de feitura de trabalhos, o que altera sua prática de fim semana, principalmente quando o mesmo passa a ser objeto de observação e de estudo como agora.

Cada componente do grupo se colocou como caminhante na sexta, sábado e domingo em três regiões distintas da cidade – um bairro periférico, a região central e um bairro que se localiza próximo ao centro da cidade. A narrativa apreende a movimentação das pessoas: as idas aos bares, na sexta à noite (muitos nas calçadas das ruas), as feiras no sábado, a ida a igrejas, padarias e clubes. Recortamos das narrativas excertos discursivos sobre as tradicionais feiras livres para as vendas de alimentos (legumes, hortaliças etc.):

As feiras de sábado são conhecidas como local de ponto de encontro, nelas fazem a compra de verdura e legumes chamada de feira, é comum ouvir um consumidor dizer “estou indo fazer a feira”. As feiras acontecem em lugar aberto, com diversos feirantes, tem muito barulho, muita gente, possibilidade de diversificar a alimentação. Ainda pode-se comer pastel frito cognominado “pastel de feira” e tomar caldo

de cana-de-açúcar. Se achar muito doce, pode ainda pedir que seja com limão, combinação perfeita. Quem quer comprar produtos de boa qualidade vai cedo, quem quer comprar produtos mais baratos, vai mais tarde. De qualquer modo no final da feira tem sujeira, muito lixo deixado pelos feirantes e consumidores, mas é possível ver também pessoas mais velhas catando alimentos no meio do lixo.

A “feira” foi também objeto de atenção de outro estudante (Ciência da Computação) que escolhe retornar a uma feira que frequentava, como criança acompanhando a mãe:

Ao adentrar as barracas, o cheiro úmido das verduras e o encantamento local, junto aos gritos dos feirantes, nos cativam e atraem como ímãs para a exposição de frutas. Caminhando entre os corredores, entre uma pechincha e outra, cumprimento pessoas conhecidas, desconhecidas e aquelas com fisionomia amigável, mas que não consigo lembrar de onde conheço. Analiso cada fruta, cada cor, cheiro e textura, realizando movimentos estratégicos com as mãos, aproximando a fruta do ouvido para perceber o deslocamento interno da polpa do maracujá ou da semente do abacate, com a intenção de comprar o fruto no ponto ideal para fazer suco natural ao chegar em casa.

Os relatos trazem à nossa memória das feiras, os encontros, escolhas de produtos, gostos e cheiros do que se compra e se consome, das “táticas” de consumidores/as para a compra de produtos “mais baratos” e, possivelmente, também os que estão em “fim de feira”, não necessariamente os melhores. O recurso da feira, como parte do ato pedagógico, comparece como sugestão prática em aulas de matemática, para que crianças pratiquem “cálculos matemáticos”, mas para além desse uso, a feira pode se tornar efetivamente “aula” em diferentes componentes curriculares, tomando como objeto de análise as relações que ali se estabelecem: de trocas afetivas e simbólicas (a feira remete a sons, cheiros, memórias), de relações de compra e venda, de discussões sobre a produção dos produtos colocados à venda, sobre os consumidores usuais da feira, dentre outras possibilidades que podem estimular debates e discussões em sala.

No relato do grupo Sextou! eles apreendem a face da desigualdade – entre quem compra os produtos para consumo e entre aqueles que buscam os alimentos naquilo que é descartado – destacando-se no relato a identificação das pessoas mais velhas, capturando, assim, pelo olhar atento, a marginalidade e a pobreza que se apresentam no envelhecimento da população.

O grupo do Sextou! captura relações de gênero nos cotidianos dos bares e nas compras, um padrão comum nas três regiões. Os bares são ocupados em sua maioria por homens: “Lá é encontro de homens, não que não haja

mulheres, mas os homens dominam o local” (excerto do relato). Por sua vez, nas compras (feira, supermercados, padarias) aparecem as mulheres em práticas ligadas ao cuidado – compras para as famílias e cuidado com as crianças, o que aponta reflexões sobre as desigualdades de gênero (Oliveira e Almeida 2022). O grupo destaca “é possível observar algumas mudanças, o número de mulheres que fazem o pagamento da compra aumentou, o número de homens que está cuidando das crianças também”. Há, pois, novos padrões de práticas que podem balizar reflexões em sala entre desigualdades de gênero e outras configurações que parecem assinalar para retração dessas desigualdades. Mas é preciso estarmos atentas, pois, se as desigualdades são históricas, é necessário problematizar o modo como elas se mantêm.

Outra leitura da cidade provocativa de reflexões foi feita pela mestrandia/Pedagoga ao produzir um relato do seu trajeto de casa até a escola, como situado a seguir:

Desço na Br259 no “Porto da Barca” para atravessar o Rio Doce de barco. É o caminho mais rápido. Caso contrário eu precisaria entrar na cidade de Conselheiro Pena e enfrentar 30 minutos de estrada de chão, com o risco de que se tiver algum trem no trilho eu tenha que esperar para seguir viagem (a estrada é cortada em dois pontos pela linha férrea). As imagens que encontro são de um cenário que insiste em manter-se imponente e lindo, mesmo após toda a sua destruição: a vista do Rio Doce.

A mestrandia continua o relato capturando com o olhar, a partir de sua prática cotidiana – atravessar de barco o rio Doce – o cenário de destruição desse rio cuja bacia hidrográfica foi atingida pelo rompimento da barragem de Fundão, localizada no município de Mariana, na Região Central de Minas Gerais. A barragem, de responsabilidade da mineradora Samarco/Vale-BHP, rompeu-se no dia 5 de novembro de 2015, despejando aproximadamente 55.000.000 m³ de rejeitos de minério na calha do rio Doce, que se espalharam por cerca de 600 km do rio, até chegar ao litoral do Espírito Santo. A captura feita pela mestrandia pode se estender a outras níveis e modalidades de ensino, com vistas a comprometimentos éticos e políticos com a pauta ambiental, considerando esse rompimento como “um processo deflagrado para além de uma avaria ou erro meramente técnico, remetendo-nos, assim, às falhas da governança ambiental, produtoras de novos padrões de vulnerabilidade que expuseram, de fato, a população ao risco” (Zhour et al. 2018, 40), e que continua em pleno curso.

Especialmente para moradores/as dessa bacia é urgente a desnaturalização desse rompimento, por vezes tomado como desastre ambiental. A pauta ambiental como foco “da aula” é fundamental para que se reflita sobre a

complexidade das relações entre pessoas e ambiente e os comprometimentos éticos, políticos, ecológicos assumidos por governos, empresas, dentre outros, tomando-se como objeto de análise, nas práticas de sala de aula, as tramas dos conflitos socioambientais.

A vulnerabilidade e violência juvenil foi objeto de atenção da estudante do Serviço Social que escolheu para caminhada uma região de um bairro da cidade conhecida como “Buraco Fundo”. Foi inspirador para a estudante as práticas de andar pela cidade empreendidas e provocadas por Certeau e colaboradores (Certeau 1994; Certeau 2014; Certeau, Giard e Mayol 2014) e ela explica que busca captar a materialidade do território, visível, por exemplo, nos equipamentos públicos disponíveis, no acesso às ruas, mas também o que se apresentava nos cotidianos do que seu olhar buscou capturar e em conversas que travou com duas moradoras da região. É desses diálogos que surgem as preocupações com a vulnerabilidade que afeta crianças, adolescentes e jovens no bairro e os cerceamentos no território – trajetos a serem evitados em função da violência, o que também comparece em outros estudos sobre juventude e território (Imbrizi, Souza e Gomes 2021).

A atenção da estudante pela vulnerabilidade e violência é demarcada pela sua formação e atuação profissional ligada ao Ministério da Justiça e se justifica pelos altos índices de violência na cidade envolvendo adolescentes e jovens há mais de uma década, conforme dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP 2009), Atlas da Violência (Ipea 2019, 2024) e o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC 2023). Considerando a premência da vida, a consideração sobre essa realidade e o conhecimento sobre práticas de jovens na cidade podem nortear diálogos e reflexões em sala de aula, bem como contribuir para atividades e ações envolvendo escolas e territórios.

Consta do texto da estudante reflexões sobre “estratégias” e “táticas” no sentido proposto por Certeau (2014). A estratégia como cálculo de gestão e planejamento foi capturada por ela nas narrativas das moradoras sobre as rondas policiais como estratégia de repressão da criminalidade: “Todavia, não comparece no relato da moradora uma intervenção preventiva e nem construção de um relacionamento entre policiais e moradores” (Excerto discursivo, estudante).

Contrapondo-se a essa estratégia, ela se volta para a compreensão da tática como “a arte do fraco” (Certeau 2014, 45), que consiste em brechas e astúcias cotidianas praticadas pelas pessoas nos territórios. O exceto discursivo a seguir, transcrito da narrativa, mostra o modo como ela captura na caminhada táticas de moradores:

As táticas construídas pelos moradores observadas na caminhada e apontadas nas narrativas são diversas – vão desde a ocupação e apropriação do espaço, transformando a área abandonada em moradia

e construindo pontes para atravessar o córrego, até a resistência de permanecer no local, apesar das dificuldades. Outra tática observada é a busca constante pela sobrevivência, no sentido mais estrito da palavra sobreviver. Para concretizá-la, a prática é o silenciamento, permanecer restrito à residência, não se comunicar com outros moradores, muito menos com a polícia.

Consideramos que a abordagem dessas temáticas com o reconhecimento do protagonismo de seus sujeitos legitimam o proposto por Paulo Freire (2007; 2021) da validação de saberes e práticas, da educação como processo dialógico, conscientizador e político, da capacidade de educandos e educadores de enunciar mundos possíveis, acreditar, nos reinventar e nesse processo vamos nos tornando sujeitos de práticas educativas “política, ética, gnosiológica, estética e ética”.

Considerações finais

As reflexões produzidas neste artigo buscaram apresentar modos como operamos em sala de aula com elementos teóricos elaborados por Michel de Certeau e colaboradores, e a nossa convicção como docentes de que essas contribuições, aliadas a outros autores e estudos, são férteis para a constituição da aula como ato ético, estético e político. Tomamos a experiência vivida como objeto de análise, e ainda que não tenhamos contemplado os relatos dos 21 estudantes, pelas próprias contingências do tamanho do texto a ser elaborado, reconhecemos nessas práticas a autoria de estudantes com os diversos marcadores sociais, que também foram constantemente lembrados nas discussões em sala.

Ao organizarmos os dois eixos de discussão: as memórias e os diálogos entre escola e território, compreendemos que eles são possibilidades para que a aula se torne efetivamente processo reflexivo sobre os vividos provocados por atos epistêmicos, que também são constitutivos da sala de aula.

Tomando como referência os livros lidos e as práticas escolhidas pelos/as estudantes que tiveram esse crivo, podemos, como docentes e pesquisadoras/es, vislumbrar outras tantas práticas cotidianas que podem adentrar a sala de aula, ampliando repertórios discursivos, olhares e processos reflexivos. Em todas essas práticas destaca-se a centralidade dos praticantes (de quem olha e do que se olha) – nas andanças pela cidade, nas memórias, nas feitura da cozinha. Apresentam-se tensões, desigualdades e vulnerabilidades, para as quais não podemos, como educadores/as, esquecer, ou “não botar reparo”, como nos lembra Saramago.

As práticas cotidianas apreendidas expõem feitura dos territórios – ruas, bairros, cidade – na acepção proposta por Michel de Certeau de que o espaço

não é homogêneo, geométrico, na proposição matemática cartesiana, mas é heterogêneo, plural, se produz em narrativas pelas feitura cotidianas e pelos passos dos caminhantes. Exploramos alguns aspectos dessas práticas e é a própria consideração da heterogeneidade – de práticas e praticantes – que se apresenta fértil para “a aula” que se torna, nesse sentido, instigadora de leituras e análises sobre a cidade em diferentes perspectivas: ambientais, arquitetônicas, culturais, éticas, estéticas e políticas.

Referências bibliográficas

Brasil. 2007. Ministério de Educação. *Portaria Interministerial nº. 17, de 24 de abril de 2007*. Brasília. MEC. http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf

Brasil. 2023. *Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades*. <https://idsc.cidadessustentaveis.org.br/>.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2019. *Documento de Área. Área 45. Interdisciplinar*. Brasília. Capes. <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/INTERDISCIPLINAR.pdf>

Certeau, Michel de. 1994. “Andando na cidade”. Em *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (23).21–31. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevP_a_t23_m.pdf

Certeau, Michel de. 2012. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobrázsky. 7.^a ed. Papirus.

Certeau, Michel de. 2014. *A invenção do cotidiano: 1. Arte de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira. 21.^a ed. Vozes.

Certeau, Michel de, Giard, Luce, e Mayol, Pierre. 2014. *A invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira. 12.^a ed. Vozes.

Charlot, Bernard. *Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea*. 2020. São Paulo. Cortez.

CNE. Conferência Nacional de Educação. 2024. *Plano Nacional de Educação 2024- 2034: políticas de Estado para a garantia da educação como direito humano, com justiça social e desenvolvimento socioambiental sustentável*. Brasília. MEC. https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Documento_Base_Conae2024_FNE.pdf

Ferraço, Carlos Eduardo, Maria da Conceicao Silva Soares, e Nilda Alves. 2017. “Michel de Certeau y las investigaciones en/de/con los cotidianos en educación en Brasil”. *Pedagogía y Saberes*, 46: 7-17. <https://revistas.upn.edu.co/index.php/PYS/articulo/view/5224>

FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública). *Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2009. <https://apidspace.universilab.com.br/server/api/core/bitstreams/c3ff7a79-74f2-4220-85ab-57cae4da2ea0/content>.

Freire, Paulo. 2007. *Política e Educação*. Villa das Letras.

Freire, Paulo. 2021. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 52.^a ed. Autores Associados: Cortez.

Giard, Luce. “Cozinhar”. Em Certeau, Michel de, Giard, Luce, e Mayol, Pierre. 2014. *A invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira. 12.^a ed. Vozes, 228- 298.

Halbwachs, Maurice. 2013. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2.^a ed. Centauro.

Imbrizi, Jaqueline Maria, Maria Thereza Carvalho Lisboa Souza, e Fernanda Cristina Gomes. 2021. “Juventudes em Luta Pela Vida”. *Lutas Sociais*, 25 (46): 101–110. <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/54827>

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). 2019. *Atlas da Violência dos Municípios Brasileiros 2019*. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-dos-municipios-brasileiros-2019>

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). 2024. *Atlas da Violência dos Municípios 2024*. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

Lopes, João Teixeira. 2017. “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público”. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 17 (Maio). <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2345>

Nora, Pierre. 2012. “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 10 (outubro). <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

Oliveira, Margarita Silvia, e Almeida, Luiza Wermelinger Nogueira. 2022. “Por uma nova economia dos cuidados e reformulação dos papéis sociais de gênero em tempos de crise”. *Revista Estudos Políticos*, 13 (25): 169-200. https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/56115/33872

Saramago, José. 1995. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. Companhia das Letras.

Souza, Maria Celeste Reis Fernandes de, e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca. 2024. *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática*. 2.^a Editora Autêntica.

Zhour, Andréa (org.). 2018. *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção do conhecimento no Brasil*. Editorial iGuana; ABA.
